Relato de um desempregado

Era 16 março 2020, e estava terminando minhas férias da prefeitura e me organizava para as reuniões pedagógicas antes do período letivo que estava programado para o dia 06 de abril.

Assim como me organizava para mais um e décimo último período (assim eu esperava) no curso de História na UFAL.

Porém as notícias que vinham através dos noticiários e principalmente de colegas que moram no exterior (Macau -CHN, San Sebastian- ES, e Londres -ING/UK) a respeito dessa nova gripe (covid-19) eram preocupantes. A doença se mostrava absurdamente letal.

Em janeiro de 2020, Mira, minha colega de Macau, apontava que regiões chinesas estavam sendo isoladas pois a mortalidade estava rápida e crescente.

Contudo, Europa e América desprezaram, tardaram e falharam.

No mês de março, assistimos boquiabertos Itália, Espanha, França e Inglaterra remediarem os impactos da doença. E posteriormente pedirem desculpas publicamente.

Aqui no Brasil, ainda no mês de março, a contragosto do presidente, governadores adotaram medidas de distanciamento social. O resto da história nós sabemos.

Minha vida, assim como a de muitos brasileiros, ficou de cabeça para baixo. Isso por que a minha principal fonte de renda, o contrato com a prefeitura, era instável. Ainda em março fomos ameaçados de não receber.

Em abril tivemos nossos contratos suspensos e nosso último vencimento pago. Assim, sai do rol do subemprego e passei a integrar a classe dos desempregados, que segundo o Dieese, foram 1 milhão só no mês de maio.

Contudo, por mais que tivesse perdido minha renda, ainda tinha o salário da minha esposa o que dava um alívio. Contas seriam refeitas, prioridades revistas, tudo seria refeito financeiramente. E foi.
A conta de energia é um bom exemplo de algo que foi revisto, e entrou como não prioritário uma vez que as concessionárias de energia estão impedidas de suspender o fornecimento.

Somado a dificuldade financeira viria a adaptação da vida na era pandêmica. O primeiro passo a ser tomado foi reabilitar celular para fazer pagamentos pelo aplicativo do banco. As demais etapas de adaptação foram programar para sair duas vezes no mês e resolver tudo que fosse preciso, cancelar nosso lazer que era pedir pizza aos sábados, e tentar nos reinventar na cozinha e nos afazeres domésticos. Além disso teria que resolver questões financeiras e de feira da minha mãe e de minha sogra que são idosas e estão no grupo de risco.

Ah, para não esquecer, e não menos importante, o único notebook da casa passou a ficar exclusivamente para o teletrabalho da minha esposa.

Porém, as dificuldades impostas pela pandemia não pararam por aí. A crise decorrente da pandemia fizeram com que os alimentos ficassem caros. E ficando mais tempo em casa o consumo aumentou e consequentemente o valor da feira ficou R$ 250,00 mais caro.

Os problemas de ordem financeira, a incessante preocupação de como equalizar todas as questões que permeiam a pandemia, e o turbilhão de informações refletiu numa insônia terrível no mês de abril e maio. Além de picos de estresse.

As leituras do TCC e o seu desenvolvimento estão parados. Admito que tentei por três vezes recomeçar, mas o problemas que assombram a vida real interferem na vida intelectual.

Em 17 maio meu celular quebrou, a princípio fiquei com raiva, mas depois fiz proveito da situação para poder *descarbonizar.* Em 12 de junho, após conseguir orientação da assistência técnica da fabricante do celular, consegui consertar o aparelho.

Após me desconectar do mundo, comecei o mês de junho melhor. Compactuei comigo mesmo que as finanças da casa estavam negativas, e que todos os problemas oriundos da pandemia estavam aí, e não tinha nada que pudesse fazer para resolver. Só podia mitigar. E me responsabilizar como os compromissos que eu poderia pagar. Os demais, ***devia e não negava. Pago quando puder.***

Para além disso, ficou perceptível a superioridade dos orientais no que tange às tomadas de decisões e de organização.

Darei dois exemplos.

Enquanto o ocidente, por meio da Organização Mundial da Saúde (OMS), dizia que só os doentes e os profissionais da saúde precisam usar máscaras, os orientais alertavam o contrário. Enquanto aqui no ocidente pensávamos que era algo passageiro, intocável e controlável, China, Vietnã, Coréia do Sul e Taiwan seguiram protocolos sanitários rígidos.

Aden Charles
Graduando em Licenciatura em História